



Universidade Federal do Pará
Instituto de Educação Matemática e Científica
Faculdade de Educação Matemática e Científica
Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens

**VER NO MUNDO DOS CEGOS E SER CEGO NO
MUNDO DOS QUE VEEM**

**BELÉM
2019**

ITALO RAFAEL TAVARES DA SILVA

**VER NO MUNDO DOS CEGOS E SER CEGO NO
MUNDO DOS QUE VEEM**

**BELÉM
2019**

ITALO RAFAEL TAVARES DA SILVA

VER NO MUNDO DOS CEGOS E SER CEGO NO MUNDO DOS QUE VEEM

Trabalho de Conclusão apresentado à banca examinadora, como requisito para a obtenção do título de graduando no curso de licenciatura integrada em educação matemática, científica e linguagens da Universidade Federal do Pará – UFPA.

COMISSÃO JULGADORA:

Profª Dr.ª Maria de Fátima Vilhena da Silva
Universidade Federal do Pará - UFPA
Professora Orientadora – Presidente da banca examinadora

Profª M.ª Cleide Velasco Magno
Membro Interno: Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª . Esp. Silvia Caroline Salgado Pena
Membro Externo- PPGECCM – UFPA

Data da defesa: _____/_____/_____

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar este momento, pois ele me deu forças para superar as dificuldades.

Agradeço a minha família pelo amor e apoio incondicional que sem dúvidas me ajudaram a chegar onde estou hoje, principalmente ao meu pai *in memoria*.

Agradeço a minha querida filha, por ser meu coração nessa caminhada, pois quando você nasceu à vontade de te dar o meu melhor também surgiu, nos tornamos um e agora você alimenta o meu desejo de crescer diariamente, obrigado por me fazer forte minha pequena Diana.

Sou bastante grato a minha querida Orientadora pelo apoio e confiança durante esta pequena jornada, espero compartilhar outras brevemente.

Agradeço a escola, não apenas a de onde saiu esta pesquisa, mas a todas que passei durante os estágios temáticos, pois sempre fui recebido de braços abertos, posso dizer que ganhei experiências bastante significativas para minha formação como professor.

Agradeço à Residência Pedagógica e ao Pibid, programas estes que marcaram minha caminhada durante este curso e com certeza deixaram bastantes aprendizados para a minha formação docente.

Agradeço aos meus amigos não apenas da universidade, mas a todos, pois eles foram importantes para me tornar o homem que hoje digita este texto.

Agradeço ao instituto, por ter me contemplado com os seus ensinamentos.

Agradeço aos professores do Iemci, pois sem dúvidas contribuíram bastante para minha formação acadêmica.

Por fim aos demais funcionários, da biblioteca, serviços gerais, cantina, secretaria e coordenação, pois também são parte significativa dessa caminhada.

VER NO MUNDO DOS CEGOS E SER CEGO NO MUNDO DOS QUE VEEM

RESUMO

Esta pesquisa fez parte de experiências vivenciadas em um eixo temático do curso de licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens, com foco no tema inclusão. Os principais objetivos são: refletir sobre as dificuldades encontradas pela aluna de baixa visão e identificar aspectos pedagógicos na sala de aula que estejam em concordância com informações na literatura pertinentes sobre essa deficiência visual. A pesquisa é um estudo de caso e análise é feita por meio de narrativa. A coleta de dados ocorreu por observação sistemática, conversa com a aluna e acompanhamento na sala de aula. Os resultados indicam que a formação docente ocupa um lugar de destaque sobre o assunto, onde há necessidade de adquirir conhecimentos básicos teórico-práticos de questões como, atenção à diversidade e inclusão, utilizar metodologias que favoreçam o desenvolvimento das pessoas com baixa visão e que atendam, minimamente, as necessidades especiais dentro de uma sala de aula. Consideramos, pois que o trabalho docente deva ser fundamentalmente colaborativo a fim de que as barreiras peculiares da deficiência sejam superadas. Por fim, o trabalho permite refletir sobre o importante papel escolar em garantir condições apropriadas de uma educação baseada no respeito às diferenças.

Palavra-Chave: Baixa visão. Educação inclusiva. Formação docente.

SEE IN THE WORLD OF BLIND AND BE BLIND IN THE WORLD OF THOSE WHO COME

ABSTRACT

This research was part of the experiences lived in a thematic axis of undergraduate course in sciences, mathematics and languages, with emphasis on the theme of inclusion. The main objectives are: to reflect on the difficulties of the low vision alliances and to identify the pedagogical aspects in the classroom that are in agreement with the information about the visual literature. The research is a case study and the analysis is done through narrative. The data collection was done through systematic, conversation with a student and accompaniment in the classroom. The results indicate that teacher training occupies a prominent place on the subject, where it is necessary to have basic theoretical-practical knowledge of issues such as attention to diversity and inclusion, use of methodologies that favor the development of people with low vision and who, minimally, the special needs within a classroom. We therefore consider that teaching work must be fundamentally collaborative so that the peculiar barriers of its will are overcome. Finally, work may be important in relation to elementary education where it receives more than one education without differences to differences.

Keyword: Low Vision, Inclusive Education, Teacher Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	9
3. BASE TEÓRICA.....	11
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE BAIXA VISÃO.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERENCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

O motivo deste trabalho surgiu a partir de experiências vivenciadas durante o Tema “Compreensão e explicação dos processos de desenvolvimento e da aprendizagem III” no curso Licenciatura Integradas voltados para os anos iniciais. O ápice do tema foi o estudo sobre uma aluna do 5º ano do ensino fundamental de uma escola Estadual a qual conta com serviço de atendimento especial aos alunos que apresentam alguma deficiência seja cognitiva ou física.

A pesquisa destaca experiências vivenciadas no período de observação particular da aluna com baixa visão, levando em conta características tais como o perfil da aluna, seu relacionamento com seus colegas de classe, a relação aluna-professora, o nível de envolvimento nas atividades em sala de aula, as atividades que mais despertaram interesse da aluna em realizá-las. É importante destacar que este trabalho é significativo por abordar uma deficiência com poucos estudos na área da educação uma vez que às vezes ela não é percebida na sala de aula e a literatura é mais vasta quando se trata de cegueira, por se tratar de uma deficiência que é logo identificada fisicamente. Por esses fatos consideramos que o tema em questão merece mais estudos e reflexões para a importância de desenvolvimento das pessoas com baixa visão no ambiente escolar. Diante desses quesitos, a pesquisa foi norteada pelo seguinte questão: Até que ponto as atividades pedagógicas no ambiente escolar eram favoráveis para a aprendizagem e a inclusão a deficiência da aluna com baixa visão?

Diante da questão problema, os objetivos desta pesquisa são: refletir sobre as dificuldades encontradas na sala de aula por uma aluna de baixa visão e identificar aspectos pedagógicos que estejam em concordância com informações na literatura pertinentes sobre essa deficiência visual.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso particularmente sobre uma estudante do 5º ano do ensino fundamental com baixa visão. "O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo no seu contexto de vida real, mesmo que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não estejam claramente definidos" (CLEMENTE JUNIOR, 2012, p. 1). Este tipo de estudo, porém, não deve ser confundido com uma pesquisa de caráter apenas qualitativo. Para Robert Yin (2005, p.34) o estudo de caso "traz em seu propósito fundamental apresentar uma reflexão analítica do contexto estudado, esse tipo de investigação tem muito a contribuir no campo da pesquisa avaliativa", intenção deste relato de experiência vivido e observado em sala de aula.

O método de coleta de dados desta experiência se deu por meio de *Observação Sistemática*, na qual foi utilizada como ferramenta para registro o diário de bordo, além de conversas com a aluna, a observação foi delimitada no tempo e no espaço permitindo-nos obter informações necessárias à pesquisa independente da colaboração de grupos ou de pessoas. "Entretanto, embora seja possível utilizar a técnica de observação independentemente de outras técnicas de coleta de dados, de modo geral ela é empregada de forma combinada com outros métodos para a obtenção de informação". (DENCKER e DA VIÁ, 2008, p.145). Para estes autores Observação Sistemática "levanta e define os aspectos significativos para os objetivos da pesquisa e elabora um plano específico, antes da coleta de dados, para realizar e registrar as informações." (p.151).

O local do estudo foi numa escola pública estadual na área urbana de Belém, localizada no bairro do Guamá, onde são ofertadas vagas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental nos turnos da manhã e da tarde. O espaço físico dispõe de treze salas de aula, uma biblioteca bem pequena, uma sala dos professores, uma sala para a secretaria, uma sala para a diretoria, uma sala multifuncional para o atendimento especial (AEE), uma quadra de esportes localizada bem no centro da escola rodeada pelas salas de aula, um refeitório e três banheiros, destes um é direcionado aos funcionários e os restantes aos alunos. Segundo o censo escolar de 2017 a escola possui 45 funcionários, 718 alunos matriculados (turno manhã e tarde), 76 alunos na educação especial. (Censo Escolar/INEP, 2017).

As observações sistemáticas foram realizadas no turno da tarde, no horário de 13:30 às 17:30, inicialmente nos dias de quarta-feira durante a semana no período de um mês entre abril a maio de 2018, depois se estendeu nos dias de terça e quinta feiras durante o estágio de docência devido a pouca assiduidade da aluna a ser observada. Na turma havia 29 alunos, desses um possuía

Síndrome de Asperger e a aluna com baixa visão foco da pesquisa a ser analisada no respectivo período. Neste texto utilizaremos o nome fictício de Angélica ou simplesmente de aluna. O sujeito a ser pesquisado tem 12 anos de idade, e cursa o 5º ano do ensino fundamental no período da tarde; possui dificuldade de enxergar para longe e para perto, e não tem óculos apropriado para seu problema visual.

Anteriormente às observações no local da pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico sobre baixa visão, que culminou em apresentações de seminários correspondentes ao tema, ocorridos em encontros presenciais na Universidade Federal do Pará. Esses estudos serviram de base para que pudéssemos conhecer melhor sobre a deficiência e assim fazer uma observação fundamentada em artigos e periódicos sobre o assunto.

3. BASE TEÓRICA

Para falar em inclusão escolar, vamos destacar alguns fragmentos que são postulados no documento organizado na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca (BRASIL, 1994). Desse documento, ressaltamos as seguintes propostas:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem;
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas;
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades;
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

O movimento pela inclusão de pessoas com necessidades especiais no campo da educação vem se constituindo em uma postura de se ter educação para todos independente das diferenças, além de identificar as barreiras que alguns grupos encontram no acesso à educação inclusiva. Além disso, o movimento reafirma que a busca dos recursos necessários à inclusão é fundamental para ultrapassar as diferenças/deficiências dos alunos nas escolas, consolidando-se assim o pensamento e ações voltados para a construção de uma escola aberta às diferenças.

Nessa perspectiva, a pessoa com baixa visão necessita de atenção especial na escola, é um comprometimento do desempenho visual que tem várias causas, e por mais que haja correção com uso de óculos ou lentes especiais ainda pode apresentar deficiência visual e vir a comprometer a aprendizagem escolar. Todavia, isso não significa que a pessoa não seja capaz de utilizar os resquícios da visão para executar determinadas tarefas, mas é preciso haver ajustes necessários conforme a especificidade ou objetivo da tarefa escolar.

Deste modo, o aluno com essa deficiência deve ser tratado "dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades" (BRASIL, 1994) respeitando seus direitos e sua dignidade, conforme determina o artigo 18 das Diretrizes curriculares Nacionais (BRASIL, 2013): "É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo- -os a

salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor" (idem, p. 155).

Dentre o grupo de pessoas com baixa visão há uma grande variedade de casos: alguns conseguem ler se o impresso for grande ou se estiver próximo a seus olhos, outros conseguem ler através de lentes de aumento ou lupas e outros conseguem apenas detectar grandes formas, cores ou contrastes, precisando assim de um ajuste na iluminação do ambiente. Para tais casos Laplane, 2008, afirma que:

A pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresenta uma redução na sua capacidade visual que interfere ou limita seu desempenho, mesmo após a correção de erros de refração comuns. A baixa visão pode ocorrer por traumatismos, doenças ou imperfeições no órgão ou no sistema visual. Um dos seus traços principais é a diversidade de problemas visuais que ela pode gerar. As pessoas com baixa visão podem ter baixa acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido e problemas na visão de contraste, entre outros (LAPLANE, 2008, p 210).

Como podemos notar, baixa visão é uma deficiência visual que pode precisar de diversos ajustes, principalmente dentro da sala de aula. Mendonça et al (2008) consideram também importante que,

Os educadores e os professores conheçam o funcionamento visual, suas dimensões e componentes de análise, uma vez que todos eles podem ter um papel significativo no desempenho das várias atividades que ocorrem na escola. Assim, uma rigorosa avaliação funcional da visão pressupõe a intervenção de uma equipa multidisciplinar (MENDONÇA et al, 2008, p 12).

Tal condição remete-nos ao importante papel dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar tais como família, educadores, especialistas da área e a coordenação pedagógica, para diminuir as barreiras e quem sabe até superá-las. Acreditamos que se houver o acompanhamento e atenção devida ao aluno com baixa visão na escola, será possível vislumbrar possibilidades que possam potencializar o uso da visão e dos demais sentidos para o aluno com essa deficiência visual. Nesse caso, a escola não estaria apenas exercendo a função integradora, mas tornando o aluno incluído no processo de aprendizagem de conteúdos escolares, primando pela qualidade da educação.

Assim, a qualidade da educação não é determinada apenas por Decretos nem por resoluções ou portarias, mas movido por um processo político assumido pela sociedade. Logo, concordamos com o excerto das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica: diversidade e inclusão (BRASIL, 2013, p.18) em que nos leva à seguinte reflexão:

[...] a educação de qualidade social é conquista e, como conquista da sociedade brasileira, é manifestada pelos movimentos sociais, pois é direito de todos. Essa conquista, simultaneamente, tão solitária e solidária quanto singular e coletiva, supõe aprender a articular o local e o universal em diferentes tempos, espaços e grupos sociais desde a primeira infância.

O termo baixa visão, também conhecido por visão subnormal relaciona-se à diminuição visual e não à perda total desse sentido, variando em diversos graus de intensidade. Mas, a sensibilidade do educador e a tecnologia assistiva como o uso de óculos, lentes de contato e sistemas telescópicos que podem ser monoculares e binoculares, podem possibilitar melhor atendimento à pessoa que apresenta essa deficiência no ambiente escolar.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE BAIXA VISÃO

O primeiro contato com a Angélica (aluna com baixa visão em estudo) aconteceu em pleno simulado, o qual é feito de maneira avaliativa pela escola, e de forma bimestral. Ao chegar à sala a professora estava a fazer uma revisão sobre as questões que os alunos iriam encontrar no simulado. Tentamos identificar a aluna com baixa visão na turma, mas o esforço foi em vão no meio de 29 alunos, pois todos pareciam bem atentos. Terminada a revisão, a prova foi distribuída, então pude notar a inquietação da professora regente com uma aluna que sentava na primeira fileira, próximo dela. A aluna usava óculos e estava quase "comendo" o simulado com os olhos, de tão próximo que estava de seu rosto. Era imenso o esforço que ela fazia para tentar ler alguma coisa; percebemos que o esforço dela, porém, foi em vão porque o material distribuído não lhe era favorável para leitura.

Estava justificada a inquietude da professora, pois ela também observou o esforço que era frustrado a cada tentativa que ela esboçava em ler, foi assim que conheci quem seria a aluna a investigar.

A professora exclamou: “Esses óculos são da mãe dela, não são apropriados para ela, não há condições para que ela faça esse simulado”. Dito isso, a professora decidiu chamar a coordenação e avisar que não havia condições de a aluna fazer o tal simulado; talvez tenha sido a decisão mais correta no momento, pois a escola não dava subsídios suficientes para que houvesse outras melhores naquele momento; o texto tinha fonte normal 12, e não havia qualquer tipo de adaptação que deveria acontecer para a Angélica que tem baixa visão.

Depois deste episódio a aluna ficou um certo período sem ir às aulas, o que prejudicou em parte a pesquisa, pois não havia a observação da mesma como estava previsto no projeto. Após uma das aulas, a professora regente comentou que a família não compartilhava com escola no sentido de ajudar a aluna avançar em seus estudos, por isso as faltas constantes. Também comentou que Angélica estava usando os óculos da mãe desde algum tempo, pois o dela havia quebrado e estes seriam completamente inapropriados para a sua limitação. É evidente que os óculos apropriados seriam de fundamental importância para que a aluna acompanhasse as aulas, porém o sistema escolar como previsto em lei (BRASIL, 2013) também é responsável pela qualidade no atendimento, mínimo necessário, que facilite a leitura da pessoa na condição de visão subnormal. Pois.

A qualidade da educação para todos exige compromisso e responsabilidade de todos os envolvidos no processo político, que o Projeto de Nação traçou, por meio da Constituição Federal e da LDB, cujos princípios e finalidades educacionais são desafiadores: em síntese, assegurando o direito inalienável de cada brasileiro conquistar uma formação sustentada na continuidade de estudos, ou seja, como

temporalização de aprendizagens que complexifiquem a experiência de comungar sentidos que dão significado à convivência. (BRASIL, 2013, p.18).

Assim sendo, “o processo inclusivo do aluno com baixa visão pode ocorrer a partir de algumas adaptações materiais (leves ampliações de texto) que permitem a sua permanência no ambiente escolar até a adaptação de materiais pedagógicos adaptados à baixa visão, chegando até a cegueira legal¹” (FERREIRA, 2018, p. 7680). Nesses casos, a escola pode apelar para o uso das tecnologias assistivas como importantes instrumentos facilitadores do processo de ensino e aprendizagem. “Há ainda materiais que auxiliam o aluno com visão subnormal, como por exemplo, os recursos ópticos”. (TOLEDO, 2009, p. 5).

Nossa inquietação era que Angélica necessitava de óculos adaptados, mas como ela não o possuía ficava desanimada e faltava muito às aulas. Essa inquietação é correspondida no seguinte excerto: “O escolar com baixa visão pode encontrar dificuldades no processo educativo pelo fato de não existirem recursos materiais e humanos apropriados. Como consequência dessa situação, não recebe estímulo para a utilização do potencial visual e poderá estar fadado ao fracasso escolar” (ROMAGNOLLI, s/d)

Segundo a professora, a escola havia pedido à família que providenciasse os óculos desde o início do ano letivo, porém só houve retorno quando o caso foi levado ao conselho tutelar. Depois de um mês, a aluna voltou a frequentar a escola com os novos óculos dessa vez de maneira mais assídua, mas depois esses óculos quebraram.

A falta da aluna às aulas, talvez fosse por problemas familiares ou pela falta de óculos apropriado para acompanhar as atividades na sala de aula. Percebemos que a aluna quando vinha para a aula, mostrava-se fechada, fato que dificultava sua relação com os colegas de classe e nossa aproximação melhor com ela. Notamos que os colegas de classe a excluía de trabalhos em grupo, a nosso ver, seus colegas pensavam que ela não podia colaborar em nada nas atividades, inclusive ouvimos alguns deles chamando-a de pateta.

O cenário depois da compra dos óculos de Angélica, foi diferente, ela passou a ter maior frequência na escola, e nas atividades em grupo proposta pela professora, contribuía bastante superando os preconceitos formados por muito dos alunos. Apesar do aumento na frequência, ainda

¹Segundo o site: <http://yw.med.br/cegueira-deficiente-visual/> utiliza-se o termo cegueira legal para indicar os portadores de deficiência visual severa nos termos do § 2º do art.1º da portaria 3.128/2008 da CBO – Conselho Brasileiro de Oftalmologia: considera-se cegueira quando valor da acuidade visual corrigida no melhor olho encontra-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º.

assim faltava em muitas atividades fora da escola, como as aulas passeios, pois dificilmente trazia o termo de autorização assinado por seus pais, e quando trazia, não vinha para escola o dia que eram marcados os passeios. Evidenciava-se, assim a falta de comunicação da família da aluna com a escola.

Cabe observar que no texto da Constituição Federal de 1988 o dever da família é sem dúvida importante no desenvolvimento afetivo e educacional da aluna com baixa visão. Vejamos o que diz a artigo 227 da carta constitucional:

Art 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

É consenso na escola que a família ainda está longe de aceitar que seus filhos tenham deficiência e ignoram que a deficiência visual não os impede de aprender ou de se socializar. No entanto, para que os alunos cegos ou com baixa visão possam acessar os conteúdos do currículo escolar, já que a visão possui um importante papel para a aprendizagem dentro da sala de aula, o Ministério da Educação define, por meio da Política de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, a necessidade também de o professor ficar atento e aderir algumas adaptações com relação ao ambiente (sala de aula), para minimizar as barreiras que possam existir referentes à deficiência (BRASIL, 2008). Entretanto, alguns elementos ainda não estão sendo atendidos conforme definem os documentos oficiais.

Exemplo disso, foi observar que na escola faltava material pedagógico adaptado para quem tem baixa visão o que também implica nas faltas às aulas, fator que prejudicava bastante o processo de ensino e a aprendizagem de Angélica. Embora as atividades propostas pela professora, fossem bem planejadas em sequências didáticas, algumas deixavam a desejar, por faltar o material didático adequado para Angélica. A professora sempre lembrava da aluna quando ausente, e dizia: “ela nunca participa de nada”, no entanto, Angélica participava quando a aula era diferente daquelas do cotidiano (copiar do quadro, ouvir as explicações, fazer relatórios etc...), ela respondia às perguntas voltadas para a turma, apesar de falar timidamente.

Ouvindo esse discurso era possível notar um tom de frustração da professora para com a aprendizagem daquela aluna, oferecendo possibilidades de aulas diferentes, porém os seus esforços ainda assim eram insuficientes para alcançá-la. Nas poucas vezes que esteve presente nas atividades como visitas, aulas-passeio e experimento em sala Angélica indicava melhor participação porque

uns dois colegas lhe auxiliavam dizendo o que estava acontecendo, mas a tarefa ficava por conta dos colegas lhe ajudarem, diferente de outros que utilizavam apelidos e lhe excluía em sala de aula.

De acordo com as orientações curriculares para aluno cego ou com baixa visão a sala de aula tem o dever de incluir, o que significa mais do integrar na escola. Sendo assim é recomendado o seguinte na publicação de Mendonça et al (2008, p. 18-19):

- Ler em voz alta enquanto escreve no quadro;
- Proporcionar informações verbais que permitam ao aluno aperceber-se dos acontecimentos que ocorrem na sala de aula;
- A avaliação deve ser desenvolvida nos contextos de vida do aluno e incidir nas suas rotinas diárias;
- Alertar o aluno sempre que ocorram mudanças na disposição da sala de aula;
- Usar giz ou marcadores com uma cor que contraste com a cor do quadro (e.g. branco/preto);
- Evitar os reflexos da luz no quadro e na superfície de trabalho;
- Evitar posicionar-se em frente da janela;
- Não posicionar o aluno de frente para uma fonte de luz (natural ou artificial);
- Colocar o aluno no lugar na sala de aula que lhe proporciona um melhor campo de visão e permitir que mude de lugar, consoante as tarefas em causa e ou as ajudas ópticas que utiliza;
- Estar atento a sinais de fadiga, tais como olhos lacrimejantes, vermelhos ou dores de cabeça, permitindo ao aluno que faça uma pausa;
- Alternar as tarefas que exigem maior esforço visual com tarefas não visuais;
- Dar algum tempo para que o aluno se adapte às mudanças de intensidade de luz, por exemplo quando vem do exterior;
- Reduzir os brilhos e reflexos na sala de aula, fechando as cortinas ou usando posters que tapem as janelas;
- Assegurar-se se o aluno necessita de iluminação adicional (candeeiro de tarefas) e se as condições de iluminação são as adequadas (intensidade, tipo e direccionalidade da fonte de luz);
- Conferir ao aluno o tempo necessário para que possa realizar tarefas que exijam um grande esforço visual, nomeadamente a leitura;
- Dar maior visibilidade a áreas da escola particularmente perigosas, por exemplo colocando faixas amarelas no início das escadas ou nas portas.

Algumas dessas adaptações eram praticadas em sala de aula; havia uma preocupação com o lugar em que a aluna sentava, o tom de voz da professora sempre bem alto, trabalhos em equipe, entre outras medidas didáticas, a fim de melhorar a participação da aluna. Mas, como na baixa visão cada caso é um caso, nem todas essas sugestões seriam necessárias, pois depende da especificidade da pessoa com a deficiência. Por outro lado, durante nossa permanência com a turma, não vimos material adaptado que pudesse ser usado pela aluna, embora atendesse a outros itens básicos para quem tem aluno com baixa visão em classe.

Pode-se dizer que o acompanhamento desse caso específico ficava a cargo somente da professora regente. A única vez que presenciamos a participação do serviço do AEE foi em outro

simulado feito no último bimestre. Desta vez, a prova da Angélica possuía o tamanho de letras e número com aumento de 24, ou seja, o texto do simulado era bem grande comparado aos demais, provavelmente um pedido a pedido da professora, depois do ocorrido no primeiro simulado.

Quando a professora do AEE chegou com a prova específica para a aluna, os outros alunos riram, e a professora argumentou aos alunos que todos somos diferentes e que as diferenças devem ser respeitadas, ou seja, teve que acontecer um constrangimento com relação à deficiência da aluna para que isso fosse abordado em sala de aula. Diante desses episódios os discursos sobre o respeito às diferenças, o exercício de alteridade, são discursos que devem estar presentes no currículo ativamente e não cristalizados em documentos.

A Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009 que Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial defende em seu Artigo 2 que:

Art. 2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. Parágrafo único. Para fins destas Diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços. (BRASIL, 2013, p.163)

Corroborando com o artigo 2 temos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a competência geral que fala de princípios éticos e inclusivos: "Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários". (BRASIL, 2018, p 8). Isso significa que essas competências devem ser presentes continuamente para que se torne cultura da inclusão escolar, pois se isso não acontecer como incluir uma aluna com baixa visão, sem falar de "diferença" com os alunos?

A escola onde foi feita a pesquisa trabalha por meio de projetos, com o objetivo de envolver, ao máximo, os alunos no processo de aquisição de conhecimento, além de tentar desenvolver uma aprendizagem contextualizada e que respeite as diferenças. A exemplo dessa organização pedagógica da escola, citamos o episódio em que foi solicitado dos alunos a pesquisas sobre a lenda açai.

Eles produziram cartazes, experimentaram a fruta de diversas maneiras e fizeram apresentações de peças teatrais sobre a lenda, com o objetivo de fazer a inclusão da Angélica. O

resultado envolveu a aluna, principalmente na peça teatral, atividade em que ela entrou em contato ativamente com o objeto de estudo e permitiu maior interação com outros alunos.

Neste sentido, o planejamento didático citado vai ao encontro das Orientações Curriculares que segundo Mendonça et al (2008, p 17-18).

No que diz respeito à educação das crianças cegas, a criação de situações que estimulem a curiosidade, a possibilidade de exploração do ambiente e a interação com os outros, proporcionando o maior número possível de experiências diversificadas, constitui, pois, o princípio básico a ter presente.

A educação inclusiva é, portanto, uma questão de direitos humanos e implica além da definição de políticas públicas, as ações planejadas, implementadas e avaliadas no âmbito da sala de aula e no âmbito institucional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades em sala de aula devem atender tanto às necessidades de quem tem baixa visão, como de todos os alunos, haja vista que criar possibilidade de interação com o objeto de estudo pode despertar interesse nos alunos para aprender. Porém, é preciso contextualizar sempre que possível a situação do aluno com deficiência a fim de que as propostas pedagógicas, possam desencadear o sentimento de respeito às diferenças. Vale destacar que não são apenas as metodologias as facilitadoras da interação de alunos com pessoas com deficiência. É preciso o profissional ter um bom repertório cultural da profissão para que a sala de aula possa usufruir desses conhecimentos e de uma convivência respeitosa.

O desenvolvimento da pesquisa com uma aluna com baixa visão permitiu refletir sobre o processo de inclusão, pois foi possível notar o quão importante é para o desenvolvimento de alunos com deficiência o diálogo entre família e escola, além de visualizar algumas dificuldades que são encontradas na sala de aula, como a falta de tecnologias assistivas, o preconceito, falta de infraestrutura entre outras. Logo isso exige bastante leitura e postura bem esclarecidas para encontrar soluções na comunidade escolar.

Refletir mais sobre as reais dificuldades do aluno de baixa visão, só vivenciando na sala de aula com a deficiência, e estudar para obter meios de encontrar soluções ou minimizar a possibilidade de frustrar a quem de direito deve-se educar e incluir no processo de educação. Observamos que muitos dos aspectos pedagógicos exercidos na sala de aula estiveram de acordo com as orientações curriculares e a BNCC, porém é importante debruçar-se sobre a literatura pertinente sobre essa deficiência visual, ainda que escassa, para que a proposta pedagógica e o professor consigam o sucesso e os objetivos almejados na educação inclusiva, entre eles desenvolver a sensibilidade para a educação de pessoas com baixa visão.

Ficou evidente na pesquisa que a presença da família de um aluno especial é um fator crucial no desenvolvimento afetivo e educacional. Consideramos que a comunicação da comunidade escolar também se faça presente quando as necessidades especiais estão em evidências. A inclusão escolar da pessoa com baixa visão depende do projeto pedagógico da escola, e da política de inclusão estar presente para melhorar a adaptação desses alunos no processo de ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras.

Concluímos que as atividades pedagógicas no ambiente escolar mostraram-se em parte, desfavoráveis para a aprendizagem de aluno ou aluna de baixa visão, quando há falta de materiais pedagógicos adaptados pois impedem, até certo ponto a participação do aluno ou aluna nas aulas.

Um dos fatores desfavoráveis observados foi a falta de óculos para a aluna ler e resolver as atividades que, na maioria das vezes eram solicitadas soluções por escrito ao invés de soluções orais já que não conseguia ler, outro fator foi a falta de sensibilização dos alunos-colegas em muitas atividades que não permitiam a aluna integrar-se aos grupos ou equipes por ser deficiente visualmente.

Consideramos que nosso trabalho permite-nos dizer que foi muito significativa a experiência da pesquisa, pela riqueza de conhecimentos adquiridos durante o período vivenciado na escola, em que foi possível expandir o repertório de conhecimentos e práticas diante de um tema tão importante e atual para a vida de um profissional da área da educação.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: abril/2018.

BRASIL. MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho nacional de Educação. Câmara de Educação Básica RESOLUÇÃO Nº 4, DE 2 DE OUTUBRO DE 2009. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

BRASIL. Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. **Conferência Mundial Sobre Educação para Necessidades Especiais**. 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: *CEDES*, Campinas, n 71, 2000.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica : diversidade e inclusão** / Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. – Brasília : Conselho Nacional de Educação : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p. [online] Disponível no site: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17212-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-basica-diversidade-e-inclusao-2013&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 de julho de 2018.

Censo Escolar. INEP. 2017. Disponível em: www.edudatabrasil.inep.gov.br.

BRASIL. **Constituição Federal da República**. Brasília, 05 de outubro de 1988.

CLEMENTE JÚNIOR, Sergio dos Santos. **Estudo de Caso x Casos para Estudo**: Esclarecimentos a cerca de suas características e utilização. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Turismo e paisagem: relação complexa. Universidade Caxias do Sul, 16 e 17 de nov. 2012.

DENCKER, Ada de Freitas Manetti. DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (Com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Editora Futura: 2008, 190p.

FERREIRA, Camilla Rigoni. **A inclusão de alunos com deficiência visual: uma investigação acerca dos educandos matriculados na rede de ensino do município de Irati. XIII EDUCERE. IV SIRSSE.** Curitiba, 2017.

LAPLANE A. L. F; BATISTA C. G. **Ver, não ver e aprender:** A Participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Cadernos Cedes, Campinas**, vol. 28, n. 75, p. 209-227, maio/ago. 2008 Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

YIN, Robert K. **Estudo de Casos:** Planejamento e Métodos. São Paulo: Editora Bookman, 2005, 212p.

MENDONÇA, Alberto et al. Alunos Cegos e com Baixa Visão – Orientações Curriculares. Ministério da Educação Lisboa: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular – Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo. 2008

ROMAGNOLLI, Gloria Suely Eastwood. **Inclusão do aluno com baixa visão na rede pública de ensino:** procedimentos dos professores. Disponível no site:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1109-4.pdf>. Acesso: em junho de 2018.

TOLEDO, Caroline Emilia. Deficiência visual no Ensino Fundamental. Lins- <<http://www.unisaesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC36940888810.pdf>>. Acesso em: 10 agosto. 2018.